



Perfil: A Calçada da Vida¹

Fagner Farias de MACÊDO²

Maria do Socorro Furtado VELOSO³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Para registrar o cotidiano, o ambiente, a história de vida de pessoas famosas ou anônimas, o jornalismo produz perfis. Esta modalidade de reportagem, que possui em sua linguagem traços da literatura, compõe o chamado *jornalismo literário*. Diante disso, para a realização deste trabalho procurou-se uma personagem com uma história jamais contada anteriormente. *A calçada da vida* retrata o dia a dia da personagem Tereza Telma de Oliveira, 49 anos de idade, que há quatro décadas sobrevive pedindo esmolas pelas ruas do centro da cidade do Natal, capital do Rio Grande do Norte. Tomando-se como princípio a observação, por meio dos detalhes, o texto ganha essência e corpo ao retratar a realidade desta personagem.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; literatura; reportagem-perfil; realidade.

INTRODUÇÃO

Este trabalho toma como base o *jornalismo literário*, onde é possível descrever numa reportagem-perfil a vida de um ser humano ou um lugar. Descrevendo os detalhes da personagem Tereza Telma, aquilo que foi visualizado, procurou-se mostrar a realidade, o contexto social no qual a pedinte está inserida.

¹Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em jornalismo interpretativo.

²Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFRN, monitor da disciplina de Introdução ao Jornalismo, email: fagner_farias@yahoo.com.br

³Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: socorroveloso@uol.com.br



OBJETIVO

Produzido inicialmente para a seção *Personagens*, do *Projeto Labjorn*⁴, o presente trabalho tem como objetivo mostrar a forma de vida das pessoas anônimas que residem na cidade do Natal e região. No caso desta reportagem, é mostrado o perfil de Tereza Telma de Oliveira, uma senhora com 49 anos de idade, portadora de necessidades especiais, que sobrevive pedindo esmolas pelas calçadas do centro da capital potiguar, há 40 anos. Para enriquecer a narrativa, utilizou-se a técnica do *jornalismo literário*.

JUSTIFICATIVA

O uso da linguagem literária no jornalismo enriquece o conteúdo, produzindo um efeito de realidade à narrativa, como observa Edvaldo Pereira Lima:

fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto disso e (ou) de uma outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade. O jornalismo oferece ao profissional de talento e fôlego para o aprofundamento inúmeras possibilidades de tratamento sensível e inteligente do texto, enriquecendo-o com recursos provenientes não só do jornalismo mas também da literatura e até do cinema. (LIMA, *apud* FARO, 2007, p.169)

Felipe Pena vai além, quanto ao uso da linguagem literária no jornalismo:

não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 06-07)

De acordo com Tom Wolfe (*apud* FARO, 2007, p.170), “o ato de escrever assemelha-se a uma ‘torrente de ideias’ que consegue captar ‘todos os sons, todos os aspectos e todo o clima’, seja qual for o ambiente”.

⁴Laboratório de Jornalismo, projeto desenvolvido pela professora Maria do Socorro Furtado Veloso, no Curso de Jornalismo da UFRN, onde as reportagens produzidas pelos alunos em sala, no ano de 2010 foram veiculadas no site: www.fotec.ufrn.br



MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Tomando como base esta linguagem, buscou-se descrever nesta reportagem o perfil de um ser humano, com suas dificuldades e desejos. Para tal, foi realizada uma entrevista com a personagem no próprio lugar onde sempre pede esmolas, no Centro de Natal. Para a entrevista foram utilizadas as técnicas do jornalismo literário como o diálogo, a descrição cena a cena, o ponto de vista ou foco narrativo e a descrição de detalhes ou *status* de vida.

A entrevista, segundo Cremilda Medina:

nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. Para além da troca de experiências, informações, juízos de valor, há uma ambição ousada que filósofos como Martin Buber já dimensionaram: o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios. Esta situação, que pode ser rotulada de ideal, se realiza no cotidiano, até mesmo em uma entrevista jornalística levada às últimas conseqüências. (MEDINA, 1990, p. 08)

Através do diálogo, foi possível quebrar as barreiras do medo, da insegurança e, conhecer assim, o cotidiano da personagem. Na descrição cena a cena conseguiu-se mostrar aquilo que a personagem deixou ver, e o que estava implícito, sendo possível contar os fatos em ordem cronológica. Com o uso do ponto de vista, assumiu-se uma posição, onde o foco narrativo foi fixado no que realmente era importante. Descrevendo os detalhes da personagem, aquilo que foi visualizado, foi mostrada a sua realidade, o contexto no qual Tereza está inserida.

De acordo com Medina:

desenvolver a técnica da entrevista nas suas virtudes dialógicas não significa uma atitude idealista. No cotidiano do homem contemporâneo há espaço para o diálogo possível. Estão aí experiências ou exceções à regra que provocam o grau de concretização da entrevista na comunicação coletiva. (MEDINA, 1990, p. 07)



Segundo A. Garret (*apud* MEDINA, 1990 p. 09), “um ponto básico de sua teorização é projetar corajosamente a técnica para a arte da entrevista”. Deste modo, Garret identifica a entrevista como a arte de ouvir, perguntar e conversar.

Na escolha da personagem e para a realização da entrevista, foram evitados os *definidores primários*. Pois, de acordo com Pena (2006, p. 08), “eles são os famosos entrevistados de plantão. É preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados”.

O trabalho de elaboração da reportagem foi baseado, primordialmente, na observação. Pois, como faz a jornalista Eliane Brum⁵ em suas reportagens, trabalhar com o olhar significa não ter medo de compreender a realidade dos personagens que se encontra pelo caminho. Fazer do olhar um exercício cotidiano de resistência, é mostrar que a vida de qualquer ser humano é bem mais interessante do que a de qualquer herói. Como diz Ricardo Noblat (2008, p. 70), “tudo deve ser observado. E o relevante, publicado”.

Estar ali, de fato, de corpo, alma e coração, faz toda a diferença. É desafiador, humano, verdadeiro e, simplesmente real. Presenciar aquilo que causa revolta e indignação faz com que o repórter ponha os pés no chão e valorize mais a vida. Sobre isso, nos diz Ricardo Kotscho:

Preparar perguntas e levantar os pontos polêmicos que serão tratados na matéria é o início do trabalho. Mas o repórter deve estar sempre livre de qualquer preconceito, qualquer ideia pré-fixada pela pauta ou por ele mesmo. É a sua sensibilidade que vai determinar o enfoque da matéria. (KOTSCHO, 2005, p. 42)

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O perfil *A calçada da vida*⁶ retrata o dia a dia da personagem Tereza Telma que há 40 anos pede esmolas no mesmo lugar: a calçada de uma das ruas mais movimentadas do centro de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Por trás da figura de pedinte, existe uma pessoa que um dia sonhou com um futuro diferente, regado com justiça social e cidadania. Os sonhos e os anseios de outrora, contrastam com os sofrimentos e

⁵Eliane Brum é repórter especial da revista *Época* e autora dos livros *A vida que ninguém vê* (Arquipélago, 2006) e *O olho da rua* (Globo, 2008), que reúnem perfis e reportagens escritas pela jornalista.

⁶Reportagem-perfil produzida em 14 out, 2010 na disciplina Reportagem, Pesquisa e Entrevista. Disponível em <http://www.fotec.ufrn.br/index.php/LabjoRN-Personagens/A-calcada-da-vida.html>



privações do hoje, do agora. Para o repórter, foi fundamental valorizar a sensibilidade e a plena observação para assim, mergulhar no universo da personagem. Ali está uma boa história, não muito feliz, que causa indignação, mas, sobretudo, trata-se de uma história de vida.

A observação é de fato, um elemento primordial para a elaboração do perfil, como enfatiza José Bleger:

o papel do observador participante (o entrevistador) e a presença decisiva de sua personalidade, desmistificando, com isso, a pretensa objetividade de quem pergunta ou encaminha a conversação, ou ainda de quem ouve as respostas do entrevistado. (BLEGER, *apud* MEDINA, 1990, p. 10)

Ainda segundo Bleger (*apud* MEDINA, 1990, p.10), “o entrevistador deve investir, de imediato, na própria personalidade para saber atuar numa inter-relação criadora”.

Ao contar sua história, a personagem depositou confiança no repórter. Ali, na conversa, o diálogo fluiu com naturalidade, pois como assinala Kotscho (2005, p.42), “o repórter tem que ganhar a confiança do entrevistado, para poder conseguir arrancar tudo dele”.

Como enfatiza Medina, a entrevista assume, em alguns casos, a forma de um diálogo possível:

Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema. (MEDINA, 1990, p. 15)

Para Martin Buber (*apud* MEDINA, 1990, p. 13), na entrevista “a única possibilidade de autenticidade, verdade, entre os dois interlocutores é a entrega do EU ao TU, um TU-PESSOA e não um TU-ISTO”.

Edgar Morin contribui dizendo que:

antes de tudo, ela dá a palavra ao homem interrogado, no lugar de fechá-lo em questões preestabelecidas. É a implicação democrática da não-diretividade; em seguida, ela pode ajudar a viver, provocando um desbloqueio, uma liberação; enfim, ela pode contribuir para uma auto-elucidação, uma tomada de consciência do indivíduo. (MORIN, *apud* MEDINA, 1990, p. 13)



Ao ouvir e descrever a personagem em detalhes, o repórter lhe oferece vez e voz, um momento em busca de uma cidadania plena. Ele mostra à sociedade a figura da mulher por trás da pedinte, do ser humano que um dia sonhou viver outra realidade. Embutida no texto há uma pergunta: o que esta mulher pediu nestes 40 anos, além de algumas moedas?

A calçada da vida é uma matéria humana. Ela relata uma história de quatro décadas de desafios. A situação, o contexto social e o ambiente integram a realidade da personagem Tereza. Fala-se de um passado de sonhos, de um presente sofrido e de um futuro desejado, com poucas perspectivas positivas.

O trabalho aqui apresentado assume a forma de um perfil humanizado, pois como acentua Medina:

ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para “condenar” a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamorizá-la sensacionalisticamente. Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida. (MEDINA, 1990, p. 18)

Noblat (2008, p. 130-131) nos diz que “as pessoas gostam de ouvir e de ler histórias. De preferência, sobre outras pessoas”. O repórter, segundo Ana Dubeux, (*apud* JORGE, 2008, p. 200), “tem a capacidade de se comover com a miséria, narrar as dificuldades do nosso povo”.⁷

Por fim, o repórter aprende muito com este tipo de reportagem porque ela ajuda a entender o mundo, o contexto social, a vida. É preciso coragem, disponibilidade e sensibilidade para levar o ofício até as últimas consequências, para dar vida a estes perfis. Pois, Kotscho (2005, p. 80) nos ensina que, “por ser difícil, vale mais a pena lutar para fazer. O importante é continuar contando o que acontece por aí”.

CONSIDERAÇÕES

Sendo assim, o presente trabalho traz à tona uma personagem que é o retrato da sociedade em que vivemos. Uma sociedade que se interessa muito mais pelas

⁷Ana Dubeux é editora do jornal Correio Braziliense. A declaração citada por JORGE está contida em “O ofício do repórter” (3 fev. 2008), no qual ela explana sobre o estilo clássico do jornalista.



celebridades do que pelas pessoas comuns. Pessoas com histórias, muitas vezes, bem mais interessantes.

O trabalho *A calçada da vida* não se trata de uma notícia, mas de uma reportagem-perfil, onde o relato é mais circunstanciado. Assim, explica Kotscho (2005, p. 42) quando diz que “o perfil dá ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado, seja sobre um personagem, um prédio ou uma cidade”.

Enfim, a reportagem-perfil *A calçada da vida* assume e compõe assim, a forma de um assunto explorado em profundidade que, rompendo com todos os organogramas do jornalismo, proporciona ao repórter entregar-se com amor e paixão a seu ofício.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, Eliane. **O olho da rua**. São Paulo: Globo, 2008.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

FARO, J. S. Realidade e o Novo Jornalismo. **Vanguarda do pensamento comunicacional brasileiro**. Coleção Verde-Amarela, vol. I. São Paulo: Ed. Intercom, 2007.

JORGE, Taís de Mendonça. **Manual do foca**. São Paulo: Contexto, 2008.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2005.

MACÊDO, Fagner Farias de. **A calçada da vida**. Disponível em <http://www.fotec.ufrn.br/index.php/LabjoRN-Personagens/A-calcada-da-vida.html>. Acesso em: 04 abr, 2011.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1990.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2008.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Disponível em www.felipepena.com/download/jorlit.pdf. Acesso em: 04 abr, 2011.

Declarações da jornalista Eliane Brum. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=YfZslwxXNo>. Acesso em: 04 abr, 2011.